

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

RITO CERIMONIAL DE ALIANÇA – CELEBRAÇÃO DA PÁSCOA DE JESUS INSTITUINDO A NOVA ALIANÇA: ANÁLISE AO DIREITO DE PARTICIPAÇÃO DAS CERIMÔNIAS MEMORIAIS DE ALIANÇA NA IGREJA PRIMITIVA

Covenant memorial rite – celebration of the Jesus’s Easter establishing the new
alliance: analysis of the right of participation at covenant memorial ceremonies
at the Primitive Church

Valdirlei Vicente Massola¹

RESUMO

O presente artigo traz considerações a respeito da exclusão à participação da Ceia do Senhor. Verificou-se a Páscoa de Jesus e o direito de participação da Ceia. Ficou evidenciado que com o passar de milênios, o rito inicial da Páscoa foi se desenvolvendo e sistematicamente sendo aperfeiçoado, tornando-se o ápice da cerimônia do jantar da Ceia. Dessa maneira, a pesquisa teve como problemática a seguinte indagação: A igreja deve restringir o direito de participação do pecador à mesa do Senhor? O referencial teórico teve como principais autores Giraldo, Champlin, Plein, Kilpp, Rops e outros autores conforme as referências no final da pesquisa. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa bibliográfica. Por fim, avaliou-se que havia condições para participação, bem como para exclusão, devendo o participante fazer parte do povo em aliança.

Palavras-chaves: Páscoa. Ceia. Aliança. Excluído. Pecador.

ABSTRACT

This article brings considerations regarding the exclusion from participation at the Lord's Supper. The Easter of Jesus was verified about the right of participation at the Supper. It became evident that over millennia the early Easter rite was being developed and

¹ Graduado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (2012) e Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicado pela FABAPAR (2015). Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: vmassola@hotmail.com

systematically perfected, with the Supper becoming the climax of the ceremony. The research had the following problem to answer: should the Church restrict the right of participation of the sinful person from the Lord's table? The theoretical reference had authors as Giraldo, Champlin, Plein, Kilpp, Rops, and others referenced at the end of the paper. The methodology used was a bibliographical research. Finally, was concluded that there were certain conditions for the participation and for the exclusion from the Lord's Supper. And to be part of it was necessary to be part of the people in Alliance.

Keywords: Easter. Supper. Alliance. Excluded. Sinner.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, será efetuada uma abordagem à luz das Escrituras quanto ao direito de participação e exclusão, visto que hoje destacam-se quatro linhas de interpretação quanto a participação e restrição à Ceia, sendo a Ceia Livre Universal, Ceia Livre Restrita, Ceia Restrita e Ceia Ultra Restrita. Os memoriais de aliança foram importantes para o povo para o povo que estabeleceram aliança com Deus. A importância do tema deve-se ao fato de haver controvérsias existentes na condução ritualística da Ceia. Em estudos recentes, Friezen² afirma que 14% dos líderes evangélicos não concordam com a exclusão de pessoas à Ceia. Esses estudos foram efetuados com estudantes de teologia da FACEL,³ sendo 97% participantes da Igreja Assembleia de Deus.

Dentre as diversas interpretações alguns afirmam que o pecador deve ser retirado da prática memorial instituída por Jesus, para que o mesmo não receba a condenação. Outros afirmam que a retirada da mesa ocasiona o risco de não estar oferecendo Cristo ao pecador, não dando chance a este de receber o favor de Cristo, ou seja, a Sua graça redentora. Algumas linhas de pensamento defendem uma participação livre como John Bunyan⁴; enquanto outras, restrita, ou seja, fechada somente aos seus membros.

A questão da exclusão e da participação neste rito é o item principal desta pesquisa, indagando se deve retirar o participante da Ceia por algum motivo específico. Diante do pluralismo cultural entre os cristãos, há também diversidade na celebração do rito memorial e entre as liturgias realizadas. Entre grandes controvérsias, a exclusão à prática do rito memorial pode trazer consequências espirituais. Portanto, buscaram-se dados e informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: A igreja deve restringir o direito de participação do pecador à mesa do Senhor? Procurando responder se a exclusão à participação de indivíduos considerados indignos, foi exercida pela Bíblia ou pela igreja. Sendo assim, procura-se apresentar as diversas práticas exercidas no decorrer da história. Esta pesquisa tem por objetivo analisar o processo de exclusão da celebração dos ritos memoriais. Serão investigados entre relatos históricos direcionados ao período bíblico do Egito, a Páscoa de Jesus, bem como a instituição da Nova Aliança.

² FRIESEN, A. SANTIAGO, A. STOLL, G. A. Interpretação cultural da Ceia: um ensaio. Teologia e espiritualidade, Curitiba, n. 6, mai. 2016, p.12.

³ FACEL – Faculdades Cristã de Curitiba, Curitiba - Pr

⁴ BUNYAN, J. **Differences in Judgment About Water Baptism, No Bar to Communion.** London: John Wilkins, 1673, p.23.

A relevância científica desta pesquisa justifica-se a fim de contribuir para investigação e análise das práticas rituais referentes aos ritos memoriais. Bem como se as práticas utilizadas nas eras bíblicas condizem com as praticadas na era moderna. Diante de líderes os quais afirmam que não se deve excluir nenhuma pessoa da oportunidade de participação da ceia, e da necessidade de respostas aos que constantemente se sentem constrangidos diante dessas celebrações, esta pesquisa contribuirá com a abordagem diante dessa necessidade de resposta. Diante do exposto, cumpre o seu papel contribuindo com as necessidades de resposta à sociedade e contribuindo como uma reflexão teológica.

A metodologia a ser utilizada será a bibliográfica, a qual é justificada pelo fato de o assunto ser abordado em escritos, sendo alguns atuais e outros antigos. Serão utilizadas algumas versões da Bíblia Sagrada para consulta, e os textos somente da versão de João Ferreira de Almeida.⁵ O referencial teórico é extenso, mas alguns dos autores utilizados como referencial serão Champlin, Hinson, Mackintosh e Zilles. A coleta dos dados será executada de forma inicialmente seletiva com olhar crítico e também serão utilizados recursos como jornais, livros diversos, periódicos, sites da internet e fontes que surgirão durante a pesquisa.

A pesquisa deste artigo estruturar-se em dois pontos. No primeiro com base em vários autores, apresenta-se Jesus celebrando a Páscoa e instituindo a Nova Aliança na da Ceia do Senhor e um breve estudo da ligação da Páscoa com a Ceia do Senhor, e no segundo ponto será analisada a participação à Ceia do Senhor com a abordagem da liberdade e restrição.

1. JESUS CELEBRA A PÁSCOA E INSTITUI A NOVA ALIANÇA

Na sequência, através de uma abordagem sucinta, discorrer-se-á sobre a última Páscoa celebrada por Jesus, bem como o jantar de Páscoa, o qual trouxe uma nova perspectiva salvífica, ocasião em que Jesus instituiu uma nova aliança, conhecida na história como a Ceia do Senhor.

1.1 Celebração da Páscoa nos dias de Jesus Cristo, a partir da descrição dos Evangelhos

A celebração da Páscoa na época de Jesus era um ritual que acontecia anualmente, sendo constatada nos Evangelhos, fazendo parte da peregrinação anual dos celebrantes deste memorial de libertação; fato observado pelas inúmeras narrativas bíblicas que confirmam sua ida a Jerusalém para celebração da festa. Jesus era um participante assíduo das festas da Páscoa, constatado pelo texto de Lucas 2.41, no qual lê-se: “todos os anos seus pais iam a Jerusalém para a festa da Páscoa”. Há confirmações da ida de Jesus a Jerusalém para a celebração da Páscoa em todos os evangelhos, sendo João o que mais relata a respeito, pois cita 16 vezes a palavra Páscoa.

Pode-se observar outra curiosidade quando João, em alguns momentos, trata a Páscoa como festa, e em outros momentos como uma refeição. Diante dos fatos abordados pelo

⁵ BÍBLIA, P. Bíblia de estudo palavras-chave: Hebraico e Grego. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4ª rev. e cor. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

Evangelho de João, a Páscoa era tratada como uma festa, refeição e adoração. A Páscoa celebrada por Jesus Cristo consistia de uma grande festa. Quanto à data de celebração, Nery narra duas tradições para a sua celebração:

[...] a primeira entre os dias 15 e 21 de Nisã (na Diáspora é no dia 22) [...] a segunda páscoa (Pessach Sheni) instituída um mês depois da saída do Egito tinha como objetivo dar uma nova oportunidade àqueles que não haviam tido a possibilidade de participar na páscoa na data correspondente.⁶

Há contradição em relação a data da Páscoa celebrada por Jesus, com divergência de interpretações, sendo a primeira indicando Jesus como participante da Comunidade de Qunran, a qual celebraria a Páscoa pelo calendário solar. Serrano afirma que Jesus “pode ter seguido o calendário solar de Qunran”.⁷ Pois o costume nesta comunidade era a celebração da páscoa no dia 14 de Nisã, que segundo este calendário cai sempre na terça-feira. Por outro lado, Jesus como um observador das leis do templo, possivelmente não realizaria sua Páscoa sob um calendário específico de uma seita.

Serrano ainda afirma que devido à grande quantidade de sacrifícios necessários e devido à grande quantidade de estrangeiros, “adiantava o dia do sacrifício”,⁸ o qual se supõe que não havia impedimento aos que já tinham feito seu sacrifício. “O cordeiro pascal continuava então sendo sacrificado e o seu sangue espalhado com um ramo de hissopo nas ombreiras e batentes da porta [...]”⁹, mas Daniel-Rops enfatiza que não se sabe ao certo se este era um procedimento observado por todo o povo.

A representação do pacto da aliança através do sangue é relatada no Evangelho de Lucas, narrativa atribuída a Jesus: “Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22.20). Apresentado a Didaqué que a bênção do vinho era semelhante ao rito da Páscoa judaica, onde é realizada a bênção de quatro cálices, sendo que “o terceiro, no qual se misturava água com vinho – era chamado o cálice da bênção”,¹⁰ e que o “Senhor usara este cálice para a consagração, isto é, para entregar seu sangue aos apóstolos”.¹¹ Paulo também utilizou essa afirmação na Primeira Carta aos Coríntios: “O cálice da bênção que nós abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo?” (1Co 10.16). Confirma Paulo, nesta mesma carta, o relato de Lucas: “este cálice é a Nova Aliança no meu sangue” (1Co 11.25), o qual testifica o significado do sangue representado simbolicamente pelo vinho neste novo pacto.

A ideia de refeição de Páscoa é descrita nos Evangelhos de Mateus e Marcos, onde se relata que os discípulos perguntaram a Jesus: “onde deseja que preparemos a refeição da Páscoa” (Mt 26.17). Até então os discípulos esperavam somente o memorial do velho pacto, não fazendo ideia do que estava por vir a respeito da Nova Aliança. O texto relata a intenção

⁶ NERY, I. J. **Páscoa: Teologia, Tradição e Simbolos**. 10.ed. Aparecida: Santuário, 2005, p. 52.

⁷ SERRANO, V. **A páscoa de Jesus em seu tempo e hoje**: apêndice com hagadah de pessach. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 43.

⁸ SERRANO, 1997, p. 44.

⁹ DANIEL-ROPS, H. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 402.

¹⁰ DIDAQUÉ. **Catecismo dos primeiros cristãos**. Tradução de Urbano Zilles. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 68.

¹¹ DIDAQUÉ, 2012, p. 68.

de Jesus de “celebrar a Páscoa com meus discípulos” (Mt 26.18). Por fim, pode-se concluir que a festa na época de Jesus era celebrada por grande parte do povo de Israel, relatando a participação de alguns gregos, não sabendo se estes eram ou não Israelitas.

1.2 A Ceia de Jesus como inauguração de uma nova aliança

Será abordada neste tópico a denominada “última ceia”, em que Jesus abre um novo caminho e um novo conceito do que até então se conhecia a respeito da salvação. Jesus proclama uma nova aliança em seu sangue, instituindo assim uma nova etapa salvífica.

Segundo Bauer,¹² o conceito que o cristão tem a respeito de aliança é experimentado no momento da Ceia, momento em que Jesus interpretou que, com sua morte, proclamaria reconciliação e seria oferecida a salvação divina. Como bem assegura Pesce,¹³ é na celebração da Ceia que Jesus proclamou a nova aliança, apresentando a nova como superação da antiga. A antiga deveria ser considerada, mas a nova representava a permanência do projeto de salvação de Deus.

Para Netto, a Ceia facilita lembrar o memorial de sacrifício; a igreja participa deste momento sacramental recebendo o fruto do sacrifício de Jesus. Para esse autor, a Ceia:

É, todavia, um sacramento complexo, pois a Ceia do Senhor é, antes de tudo, o memorial eficaz de seu único sacrifício, o rito sacramental que atualiza a Páscoa. Ele foi, porém, instituído para a Igreja, para permitir-lhe receber, mediante a comunhão, o fruto do sacrifício de seu Senhor, unindo-se a ele no oferecimento ao Pai.¹⁴

Como se pode verificar nessa citação, a Ceia de Jesus como inauguração de uma nova aliança é aplicada à vida cristã para entendimento do memorial de sacrifício e consumação do plano de salvação. Evidentemente, a aplicação pode ser utilizada para lembrar à igreja o singular preço pago pelo Salvador. Situou os discípulos, que, mesmo sem saber da plenitude do ato que hora foi praticado, era, acima de tudo, parte do plano de redenção de Deus, o cumprimento da plenitude da Páscoa. Contribuindo para que fosse revelado mais uma parte dos, até então, segredos de Deus. Cita-se, como exemplo, “a união com Cristo para oferecimento ao Pai”.¹⁵

Logo, é importante compreender que o plano salvífico de Deus, iniciado na Páscoa do Egito, se completou e foi aperfeiçoado, a fim de alcançar todos os povos. Nesse sentido, exemplifica-se a Ceia de Jesus como inauguração de uma nova aliança; foi um marco na vida da comunidade apostólica e gentílica, apresentando um novo momento do plano de redenção divina, proclamando e unindo em um só ato, Israel e os gentios, prefigurando a formação da igreja.

¹² BAUER, J. B. **Dicionário bíblico Teológico**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 7.

¹³ PESCE, M. **As duas fases da pregação de Paulo**: da evangeliação à guia da comunidade. São Paulo: Loyola, 1996, p. 105.

¹⁴ NETTO, J. P.; MACHADO, A. A. **Lexicon.Dicionário teológico enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 264.

¹⁵ NETTO; MACHADO, 2003, p. 264.

Como caracteriza Giraudo,¹⁶ a última ceia é parte da série de celebração da Páscoa judaica, onde Jesus apresentou as premissas para uma nova economia de salvação. Do ponto de vista de Bensen,¹⁷ a última ceia é para apresentar os segredos, momento em que Jesus proclama sua morte para redenção de muitos. E expõe seu sacrifício expiatório, sendo capaz de oferecer a vida eterna e a acessibilidade a esse sacrifício a todos.

Para Serrano, na última Ceia, há uma insistência dos autores dos sinóticos e de João em vincular o conteúdo de libertação da nova Páscoa com a antiga Pessach judaica. Para esse autor, “pretendem, assim vincular o conteúdo libertador da nova páscoa que os cristãos celebravam a ceia judaica de Pessach”.¹⁸

Como se pode verificar nessa citação, percebe-se uma tentativa de vinculação da última Ceia à Páscoa, sendo aplicada a instituição do plano salvífico de Jesus às futuras gerações, apresentando o plano maior de Deus para conciliação dos gentios. Evidentemente, a aplicação pode ser utilizada para com o ensino da obra redentora de Deus, na implantação por Jesus Cristo de uma Nova Aliança. Tal celebração deve ser abordada constantemente nos ensinamentos das igrejas para que os participantes venham efetivamente saber o porquê da celebração, e se conscientizado que fazem parte de um plano maior de salvação instituído por Deus. Onde é necessário o ensino à igreja a respeito da Nova Aliança celebrada pela Ceia.

Serrano utiliza-se da afirmação que a celebração da Ceia com ritos idênticos a Páscoa estava tomando um novo rumo junto a seus seguidores, como relatado abaixo:

Entretanto naquela noite, Jesus de Nazaré, ao celebrar esta mesma festa com idênticos ritos, manda seus discípulos: “Façam isto em memória de mim”. Para esse grupo e seus seguidores, a festa tomava um rumo novo. A mudança ou novidade que Jesus introduz não se restringe, dentro do âmbito dos tradicionais ritos familiares, ao pão dividido com as mãos e dado aos comensais, e ao vinho do cálice da bênção, passado entre eles; estes agora deixavam de ser por suas próprias palavras, pão e vinho para se transformar em seu corpo entregue e em sangue derramado, selo de uma Nova Aliança.¹⁹

Nesse sentido, a última Ceia permitiu que Jesus celebrasse a festa de Páscoa, saindo do rito tradicional e pedindo que fizessem este mesmo rito em sua memória. O pão como símbolo de seu corpo e o sangue representado pelo vinho que seria o selo da Nova Aliança.

Logo, é importante compreender que a Ceia mantém viva na igreja a aliança instituída por Jesus. Nesse sentido, exemplifica-se a última Ceia como uma peça essencial para consumação da salvação às futuras gerações.

Com a bênção do cálice, Jesus proclamou: “[...] este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim” (1Co 11.25). Dessa forma, estaria estabelecido o novo pacto, o qual Jesus afirmava, mesmo sem seus discípulos entenderem, que seu sangue seria ofertado para que a graça de Deus se manifestasse através

¹⁶ GIRAUDO, C. Num só corpo. **Tratado Mistagógico sobre a eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 471.

¹⁷ BESEN, J. A. Comunhão no amor. **ECCLESIA**, s.d. Disponível em: <<http://ecclesia.org.br/biblioteca/teologia/matta-el-meskin-comunhao-no-amor11.html>>. Acesso em: 25 maio 2017.

¹⁸ SERRANO, 1997, p. 52.

¹⁹ SERRANO, 1997, p. 80.

de sua vida. A participação dos cristãos no rito memorial da ceia inclui e miscigena a comunidade, tornando assim parte do povo que tem a promessa de salvação.

2. LIBERDADE E RESTRIÇÃO À PARTICIPAÇÃO

Neste tópico, o foco será sobre os participantes do rito memorial, desde a Páscoa e a Ceia de Cristo, culminando com os participantes da igreja primitiva; ressaltando aqueles que normalmente eram convidados e exigidos à participação, bem como as consequências da não participação. Será abordado a respeito das pessoas que eram excluídas e sem direito à participação bem como a situação dos estrangeiros, escravos e servos.

2.1 Convidados e impedidos de participar à mesa

A Páscoa foi sofrendo alterações e concessões durante a progressão da história. Inicialmente Deus havia dado uma ordem para Moisés e Arão: “Nenhum estrangeiro poderá comê-la” (Êx 12.43). O próprio Deus proibiu ao estrangeiro integrar-se a esta celebração, mas, alguns versículos adiante, Deus ordena que se o estrangeiro estivesse hospedado ou residente entre o povo de Israel, poderia tomar parte desde que se permitisse ser circuncidado, e a ordem vai adiante de que “[...] nenhum incircunciso poderá participar” (Êx 12.48). Note-se que a circuncisão era obrigatória a todos os indivíduos do sexo masculino, sendo necessária a abordagem nesta pesquisa para que se entenda o sinal do pacto, aliança com Deus. Conforme citado em Êxodo, que “Qualquer estrangeiro residente entre vocês que quiser celebrar a Páscoa do Senhor terá que circuncidar todos os do sexo masculino da sua família; então poderá participar como o natural da terra” (Êx 12.48).

A circuncisão é descrita por Champlin como um dos mandamentos mais importantes para os judeus e é, “[...] geralmente interpretada como sinal de Pacto de Deus e a nação de Israel, e, por conseguinte, indispensável como sinal característico de que alguém pertença à mesma família.²⁰ Pelo pacto de Abraão, a circuncisão representava o fim da natureza carnal e sinal de aliança com Deus, conforme Gênesis: “[...] e circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós” (Gn 17.11).

Mackintosh chega a fazer uma comparação entre a cruz de Cristo e a circuncisão, onde a cruz “forma uma linha de demarcação entre a igreja e o mundo”.²¹ Isso remete que, quanto à participação no memorial, deve-se ao menos ser participante de uma aliança com Deus. Quem não tem aliança com Deus não deve participar desse momento de celebração. A pessoa então que, por algum motivo, não tivesse participado da Páscoa receberia uma segunda chance, que foi instituída “no segundo mês, no dia catorze de tarde a celebrarão” (Nm 9.11).

Note que era importante a todo homem que fizesse parte de Israel a participação na Páscoa. A instituição da Páscoa inicia a peregrinação de Israel e também a separação de Israel para com o estranho, levando Israel a um novo patamar de unidade. Por fim, percebe-se uma

²⁰ CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2013, vol. 6, p. 746.

²¹ MACKINTOSH, C. H. *ESTUDOS SOBRE O LIVRO DE ÊXODO*. 2ª. ed. Diadema - SP: Associação Religiosa Imprensa da Fé Depósito de Literatura Cristã, 2001, p. 127.

alteração quanto à participação do estrangeiro no livro de Números onde Moisés permite que o estrangeiro participe, relatando que “Um estrangeiro residente entre vocês, que queira celebrar a Páscoa do Senhor, deverá fazê-lo de acordo com as leis e ordenanças da Páscoa. Vocês terão as mesmas leis para o estrangeiro e para o natural da terra” (Nm 9.14)

Quanto à participação na Páscoa, os que estavam impuros por algum motivo e não poderiam participar devido às leis de impureza. Não poderiam ter contato com o povo, “pois todo leproso, todos que padecem fluxo e os imundos por causa do contato com algum morto” (Nm 5.2), deveriam ser lançados fora do arraial.

Como então participariam se pelas leis não poderiam sequer estar perto do povo? Nota-se que a lei de separação não questiona nenhuma vez a respeito do pecado. Quando procuraram Moisés, os que não participaram na Páscoa por terem tocado num cadáver, ele deu a seguinte ordem; “Diga o seguinte aos israelitas: Quando algum de vocês ou dos seus descendentes se tornar impuro por tocar algum cadáver ou estiver distante por motivo de viagem, ainda assim poderá celebrar a Páscoa do Senhor” (Nm 9.10).

Deusdete²² confirma a respeito de um problema quanto aos que não puderam participar da festa de Páscoa por não estarem de acordo com os padrões, alguns estavam impuros; e outros, em viagem. Percebe-se no texto o desejo de participar, dentre os que não tinham participado por motivos alheios. Como bem assegura, isso acontece em Números 9.2ss, onde surge a oportunidade de se introduzir a chamada segunda Páscoa, celebrada por todos os que na primeira data, no mês de Nisan, estavam impedidos por não estarem aptos para o culto. Plein²³ relata apenas haver impedimentos quanto à participação, não especificando o motivo, apenas que foi necessária uma segunda data para a participação dos que foram anteriormente impedidos.

Em Números, é relatado que, “porém, quando um homem for limpo, e não estiver em viagem e deixando de celebrar a páscoa, tal alma será extirpada de Israel: porquanto não ofereceu oferta do Senhor a seu tempo determinado; tal homem levará o seu pecado” (Nm 9.13). Percebe-se neste texto que, pela primeira vez, não participar da festa memorial da Páscoa traria uma consequência ao não participante, liga-se a não participação ao pecado. Assim, remete o sentido de que a não participação, estando apto e limpo, pode trazer consequência na área espiritual, devendo haver maiores reflexões quanto à participação. Em Êxodo (Êx 12.44-45), verifica-se que a não participação era aplicada aos escravos comprados, estrangeiros, incircuncisos e assalariados. Evidentemente a aplicação na atualidade é impossível diante de momentos circunstanciais diferentes.

Evidenciam-se dois grupos: os que não faziam parte do povo de Israel e os que faziam parte e de alguma maneira estavam impuros, sendo ambos impedidos do direito de participação. Somente na Páscoa descrita em Números 9 há relatos a respeito de uma segunda

²² DEUSDETE, D. **Reflexões bíblicas sobre Israel no deserto**. Brasília: Araújo Barreto, Daniel Deusdete, 2013, p. 41.

²³ PLEIN, I. W. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento**. Tradução de Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2001, p. 113.

chance à participação. Citam-se, como exemplo, os que eram da comunidade e estavam limpos e mesmo assim se não participassem seriam tirados do povo.

Logo, é importante compreender que não participar trazia a condenação de forma que fosse eliminado do povo. Uma segunda oportunidade era concedida aos que por algum motivo queriam participar e não conseguiram por algum imprevisto. Nesse sentido, exemplifica-se a importância da participação e o elo entre o participante e a comunidade.

Percebe-se que no panorama do Antigo Testamento as regras pascais iam sendo alteradas, conforme surgiam os problemas relacionados ao assunto. Houve também o caso das tribos:

[...] muitos de Efraim e Manasses, Issacar e Zebulom, não se tinham purificado, e, contudo, comeram a páscoa, não como está escrito; porém Ezequias orou por eles, dizendo: O Senhor, que é bom, perdoa todo aquele. Que tem preparado o seu coração para buscar ao Senhor Deus, o Deus de seus pais, ainda que não esteja purificado segundo a purificação do santuário. E ouviu o Senhor a Ezequias, e sarou o povo (2 Cr 30.18-20).

Nota-se que havia preocupação quanto à condenação de Deus à não participação da Páscoa sem ter se submetido às leis de purificação do santuário. É relatado no livro de Números que aquele que não participasse da Páscoa estando limpo e tivesse condição de participar, este sofreria com as consequências do seu pecado. Curiosamente neste texto é ligado tal ato ao pecado: “[...] ele será eliminado do meio do seu povo porque não apresentou a oferta do Senhor na ocasião própria. Ele sofrerá as consequências do seu pecado” (Nm 9.13). Percebe-se que a participação era importante à comunidade Israelita, sendo cobrado com a expulsão a não participação. A importância da participação era relevante, pois até foi criada por Deus uma segunda chance aos que não estavam presentes na primeira data de celebração

A Páscoa inicialmente era para o povo de Israel, sendo restrita a participação ao estrangeiro, relatado em Êxodo; “[...] toda a congregação de Israel o fará” (Êx 12.47), destacando que era uma ordem de Deus a toda a congregação de Israel, o que seria um privilégio a todo o Israelita, associar-se à Páscoa. Há autorização para os servos dos israelitas, mas o texto de Êxodo exclui o estrangeiro e o assalariado. Quanto ao escravo, a condição para participar era a circuncisão, o que é relatado em Êxodo: “O escravo comprado poderá comer da Páscoa, depois de circuncidado” (Êx 12.44). A circuncisão era um sinal de aliança do Israelita. Havia uma ordem em relação aos que estavam limpos da impureza e sem motivo não participavam da festa, o mesmo deveria ser excluído de Israel. O judeu via a falta a esse evento como uma ofensa a Deus, o qual é descrito no Livro dos Jubileus:

O homem que está livre de imundície e não vier a observar (a páscoa) no seu dia, para trazer uma oferta aceitável diante do Senhor, e para comer e beber diante do Senhor no dia deste festival, este homem que está limpo e está próximo deverá ser cortado fora, porque ele não ofereceu oferta [oblação] ao Senhor em sua determinada época, ele tomará culpa sobre si mesmo.

Percebe-se pelo texto acima que a participação era algo esperado dos que se declaravam israelitas; ocorria até a possibilidade de ser cortado do povo, e a culpa pela não participação recairia sobre o mesmo.

2.3 Participantes na igreja primitiva

Na igreja primitiva, os cristãos se reuniam para a Ceia do Senhor e “celebravam o que chamavam festa ágape ou festa do amor, na qual celebravam o amor de Deus e o amor mútuo que desfrutavam como cristãos nesta refeição santa”. Champlin alega que “inicialmente a ceia era como uma refeição tomada à noite, não estando necessariamente vinculada ao culto dominical”.²⁴

Walker²⁵ descreve que o relato mais antigo encontrado a respeito da vinculação da Páscoa e Ceia na igreja primitiva foi do ano de 154 ou 155 da era cristã. O que dificulta obter muitas informações a respeito desse período. Walker afirma que a Páscoa era observada com uma vigília, a qual terminava com a Ceia do Senhor, relatando: “[...] o costume na Ásia Menor – provavelmente o mais antigo – era observar a páscoa com uma vigília, terminando com a celebração da Ceia do Senhor, durante a noite do dia 14 de nisã, tal como a páscoa judaica [...]”.²⁶

Percebe-se certa vinculação da Páscoa e a Ceia, sendo o ponto ápice da celebração pascal. Há uma curiosidade a qual João narra: “E estava próxima a páscoa dos judeus” (Jo 11.55), sendo três vezes se referindo à festa como sendo a Páscoa dos judeus, especificando seu pensamento a respeito de que a festa era para os Judeus.

A Ceia do Senhor segundo Hinson era “[...] o centro da vida espiritual cristã”.²⁷ O requisito para a participação da Ceia era ser batizado. A Ceia na igreja primitiva era parte integrante e complementar da liturgia do culto. Tinha seus ofícios, tais como: oração, exortação mútua e o partir do pão, tal como descrito no livro de Atos 2.42. O partir do pão era um vínculo de comunhão da igreja, meio de sustento aos necessitados,²⁸ também uma continuação e memorial da última Ceia. A Ceia relembra os últimos momentos de Jesus e a esperança na promessa de sua vinda, o qual Walker “[...] reporta como a esperança messiânica”,²⁹ achavam que seria em breve. O apóstolo Paulo atribuía a comunhão do corpo e do sangue de Cristo como um memorial que anunciaria a morte de Cristo até seu retorno. Paulo ensina: “Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo?” (1Co 10.16). O pão remetia ao momento de comunhão dos cristãos, que envolvia associação e laços de companheirismo.

Já o apóstolo João, tem uma visão que leva mais para o lado místico, constatado no texto a seguir, mas não podendo afirmar se o mesmo se refere à Ceia, onde Jesus diz que “se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vos mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.53). Jesus poderia estar predizendo a respeito da Ceia.

²⁴ CHAMPLIN, 2013, vol. 1, p. 690.

²⁵ WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1983, p. 94.

²⁶ WALKER, 1983, p. 94.

²⁷ HINSON, E. G.; SIEPIERSKI, P. **Vozes do cristianismo primitivo**. 2.ed. São Paulo: Arte, 2010, p. 50.

²⁸ WALKER, 1983, p. 42.

²⁹ WALKER, 1983, p. 134.

No texto de João, percebe-se um convite de Jesus para que haja participação neste rito de memória, testificando que seu sangue e sua carne lhes trariam uma promessa na ressurreição. Se a aliança com Deus, ou seja, ser do povo e circunciso era a condição de participar da Páscoa, não seria irregular negar a participação da Ceia a alguém que tenha aliança com Deus, mesmo que o mesmo esteja em pecado? O pecado em momento nenhum excluía o pecador da comunhão da Páscoa, somente a impureza corporal, mas incidia consequência como visto em parágrafos anteriores.

Mas se o rito memorial da Páscoa, como observado, foi o marco de libertação que pode se dizer na esfera física, onde a impureza corporal não permitia a participação à Ceia como uma nova aliança proporcionando a libertação espiritual; seria o caso de a participação estar ligada ao pecado, este como impureza espiritual?

Walker afirma que Inácio de Antioquia “[...] professava o mesmo tipo de cristologia que se encontrava nos documentos Joaninos [...]”³⁰, relatando que a união com Cristo é necessária à vida. No tempo de Justino, no ano de 153, já havia “[...] separado a Ceia do Senhor da refeição comunitária”³¹ e era celebrada aos domingos na parte da manhã, composta das seguintes partes; “leitura dos trechos das Escrituras, intercaladas com salmodia, orações comunitárias seguidas do amém congregacional, beijo da paz, consagração do pão e vinho”.³²

Nos escritos de Hipólito é relatado que os fiéis levavam seu próprio pão e, após a bênção do bispo, todos deveriam render graças sobre o cálice, sendo mencionado:

Os fiéis presentes, durante a ceia, antes de cortarem o seu próprio pão, receberão das mãos do bispo o pedaço de pão que é uma “eulogia³³” e não a eucaristia, Corpo do Senhor. É preciso que todos tomem o cálice e rendam graças sobre ele antes de beberem. Portanto, com pureza, comam e bebam. Aos catecúmenos será dado o pão de exorcismo e oferecido um cálice.³⁴

Conforme visto, havia certa divergência na maneira do entendimento da Ceia, apesar de serem usadas refeições, os elementos como pão e vinho faziam parte da cerimônia memorial. Vista como comunhão, sustento aos necessitados, memorial, esperança, vida, remédio à imortalidade, antídoto contra a morte, em Hipólito pode-se perceber a cobrança quanto à pureza e a não participação dos catecúmenos na Ceia do Senhor.

O rito da Ceia não deixa claro que o pecador não senta à mesa, mas indica que a pureza era necessária para comerem. A pureza que o autor retrata não reflete o estado do participante, sendo o texto insuficiente para afirmar que o pecador não participava da mesa. Os que não faziam parte da comunidade, que não eram batizados, estavam aprendendo, não

³⁰ WALKER, 1983, p. 63.

³¹ WALKER, 1983, p. 132.

³² WALKER, 1983, p. 133.

³³ SCHULER, A. **Dicionário enciclopédico de teologia**. Canoas: Concordia/ULBRA, 2002. Eulogia. Do grego. Eulogia, louvor, bênção. A eulogia é a resposta à revelação do mistério na qual se tornam presente e aparecem as ações salvíficas de Deus.

³⁴ ECCLESIA BRASIL. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. **Ecclesia**, s.d. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html#4.5> - A Ceia>. Acesso em: 19 maio 2016.

eram aptos a participar da Ceia. O texto de Lima³⁵ passa a impressão de regras de um grupo social, no qual, se o participante não cumprisse certos princípios, não estaria apto à participação.

Nos pensamentos dos cristãos primitivos, “não só os fiéis eram considerados um ato de sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus, mas todos os atos de adoração eram sacrificiais”.³⁶ Walker afirma que a Ceia foi se desenvolvendo como uma compreensão de sacrifício e que, durante o memorial, eram ofertados donativos ao clero e aos necessitados. Mantinha-se a ideia do Velho Testamento, de sacerdotes, oferta e sacrifício, onde a função do sacerdote é “celebrar sacrifícios divinos como sacerdote de Deus”.³⁷ A ideia de ação de graças após a celebração da Ceia é visível nos textos da Didaqué,³⁸ o qual reflete uma mensagem de gratidão.

2.4 Alguns critérios necessários para a participação da Ceia

Na igreja primitiva, havia certas condições quanto à participação da Ceia. A Didaqué instrui que “ninguém coma a eucaristia se não tiver batizado em nome do Senhor”,³⁹ utilizando um texto isolado, o qual o Senhor afirma: “[...] não deis as coisas santas aos cães” (Mt 7.6). Nota-se que, no texto, Jesus estava instruindo a respeito de juízo e julgamento, sendo que Barbosa⁴⁰ afirma que Jesus estava fazendo uma alusão aos sacerdotes jogarem os restos dos sacrifícios aos cães. Analisando a respeito da última Ceia de Jesus se percebe que praticamente todos os Israelitas subiam a Jerusalém. No entanto, é difícil afirmar que estavam somente os 12 discípulos na celebração da Ceia. Há contradições, sobre as quais não se pode afirmar com certeza, pois levam a crer que nem mesmo Judas estava nesse evento. A afirmação de Serrano é que, como todos viajavam a Jerusalém juntos, dificilmente haveriam de se separar no momento da Páscoa, pois havia uma ordem no Livro de Deuterônomo, a saber:

E te alegrarás perante o Senhor teu Deus, tu, e teu filho, e tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita que está dentro das tuas portas, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão no meio de ti, no lugar que o Senhor teu Deus escolher para ali fazer habitar o seu nome (Dt 16.11).

Essa ordenança concedia direito ao estrangeiro, não especificando se este era praticante da fé ou não, de tomar parte do rito memorial da Páscoa. Serrano afirma que nem mesmo a

³⁵ LIMA, A. Carta de Santo Inácio de Antioquia aos Efésios. **Veritatis Splendor – Memória e Ortodoxia Cristã**, 2002. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/patristica/obras/1395-carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-efesios>>. Acesso em: 19 maio 2016.

³⁶ WALKER, 1983, p. 134.

³⁷ APOSTOLADO VERITATIS. São Cipriano de Cartago. **Veritatis Splendor – Memória e Ortodoxia Cristã**, 2008. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/patristica/biografias/169-sao-cipriano-de-cartago>>. Acesso em: 19 maio 2016.

³⁸ DIDAQUÉ, 2012, p. 30.

³⁹ DIDAQUÉ, 2012, p. 29.

⁴⁰ BARBOSA, G. ICP responde. **ICP**, s.d. Disponível em: <<http://www.icp.com.br/72responde.asp>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Mishná⁴¹ fala da separação, e sim afirma que havia um ajuntamento dos peregrinos e que estes costumavam se reunir em grupos para celebrar a Ceia de Pessach, “e era normal que tais grupos fossem integrados por familiares ou por aqueles que tivessem reunidos por algum tipo de vínculo”.⁴²

Pelos relatos bíblicos, Maria, a mãe de Jesus, estava presente em sua crucificação; e se a Páscoa era uma festa de celebração entre familiares e amigos, como então tirar a mãe de Jesus do contexto da Ceia? Ou, como afirma Serrano, “o termo discípulos usado por João é mais amplo que o termo apóstolos”, o que não necessariamente poderia reduzir aos doze.

Há um texto que é motivo de discussão: “Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente será culpado do corpo e do sangue do Senhor” (1Co 11.27). A palavra grega da qual é traduzida a expressão indignamente é “ἀναξίως – anxios”⁴³ que, segundo Strong, é um advérbio de modo, o qual trata da forma inadequada de comportamento, ou seja, sem reverência, que também é traduzida como “irreverentemente”.⁴⁴ O texto lido de maneira direta passa a impressão de que reflete a indignidade quanto ao pecado, de ser digno de participar ou não; mas, aprofundando a pesquisa, percebe-se que trata-se da maneira comportamental, ou seja, de modo indigno. Se tratasse em relação ao pecado, dificilmente alguém estaria apto à participação da Ceia, não se tratando do “caráter do participante, mas sim ao modo de ação do participante”.⁴⁵ O autor assegura que a palavra *indignamente* traduzida para a língua portuguesa se refere à moralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou fazer uma análise dos resultados de como era o direito e a exclusão à participação, abordando os memoriais de alianças e apresentando uma reflexão a respeito da aliança pascal no Egito como prefiguração da Ceia do Senhor. Além disso, permitiu a verificação da participação das condições necessárias exigidas aos que participariam dos memoriais de aliança, possibilitou verificar a participação de estrangeiros e escravos em vários eventos, a partir de textos bíblicos, o que permitiu situar nos eventos históricos, principalmente durante o processo de libertação no Egito, e na Ceia realizada por Jesus Cristo, sendo estes eventos fatores contribuintes que permitiu tratar a respeito do assunto, o que pôde auxiliar na aprendizagem do conteúdo.

⁴¹ GHELMAN, M. Coleção judaísmo. **Tryte**, 1997. Disponível em: <<http://tryte.com.br/colecaojudaismo/livro9/l9cap2.htm>>. Acesso em: 26 maio 2017. A palavra Mishná significa literalmente "repetição" e também "estudo", "ensinamento", já que o ensino se fazia oralmente, com base apenas na repetição. Dá-se este nome à compilação da doutrina tradicional judaica pós-bíblica, em especial à sua parte jurídico religiosa.

⁴² SERRANO, 1997, p. 62.

⁴³ STRONG, J. **Dicionário Bíblico Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, G 371.

⁴⁴ BÍBLIA. **Bíblia de estudo palavras-chave Hebraico Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 2063.

⁴⁵ TOKASHIKI, E. B. A Participação Indigna da Ceia do Senhor. **Monergismo**, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/santa_ceia/tokashiki_ceia_indigno.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2017, p. 10.

De um modo geral, avaliou-se que a aliança pascal celebrou um novo tempo para Israel, que estava sob o domínio dos egípcios, e que a aliança pascal foi um marco de libertação ao povo. Do mesmo modo, a Ceia do Senhor instituída por Jesus Cristo apresentou um novo conceito de libertação que, naquele momento, também alcançaria os gentios.

Quanto ao direito de participação, permitia ao escravo que fosse circuncidado; estrangeiros, desde que fizesse de acordo com as leis (Nm 9.14). Já a não participação era considerada ofensa a Deus e era impedida aos que não tinham aliança com Deus, impuros sendo estes leprosos e os que tiveram contato com mortos. Como consequência da não participação, a pessoa levaria seu pecado e era extirpada do povo. Já na Ceia, o requisito era ser batizado, e sua participação traria promessas na ressurreição; era requerido que estivesse em estado de pureza para comê-la, e a reverência era necessária, não devendo o participante se portar de modo indigno. Foi verificado que para participação de qualquer rito memorial o requisito era ser participante de uma aliança. Diante disto percebe-se a necessidade de instruções aos participantes.

Diante dos objetivos desta pesquisa, o tema trouxe uma breve reflexão quanto à conduta dos participantes dos ritos memoriais de aliança, ficando evidente a necessidade de seriedade quanto à participação.

REFERÊNCIAS

APOSTOLADO VERITATIS. São Cipriano de Cartago. **Veritatis Splendor – Memória e Ortodoxia Cristãs**, 2008. Disponível em:

<<http://www.veritatis.com.br/patristica/biografias/169-sao-cipriano-de-cartago>>. Acesso em: 19 maio 2016.

BARBOSA, G. ICP responde. **ICP**, s.d. Disponível em:

<<http://www.icp.com.br/72responde.asp>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

BAUER, J. B. **Dicionário bíblico Teológico**. São Paulo: Loyola, 2000.

BESEN, J. A. Comunhão no amor. **ECCLESIA**, s.d. Disponível em:

<<http://ecclesia.org.br/biblioteca/teologia/matta-el-meskin-comunhao-no-amor11.html>>. Acesso em: 25 maio 2017.

BÍBLIA. **Bíblia de estudo palavras-chave Hebraico Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BUNYAN, J. **Differences in Judgment About Water Baptism, No Bar to Communion**. London: John Wilkins, 1673.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2013. 6 vol.

DANIEL-ROPS, H. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DEUSDETE, D. **Reflexões bíblicas sobre Israel no deserto**. Brasília: Araújo Barreto, Daniel Deusdete, 2013.

DIDAQUÉ. **Catecismo dos primeiros cristãos**. Tradução de Urbano Zilles. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ECCLESIA BRASIL. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. **Ecclesia**, s.d. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html#4.5 - A Ceia>. Acesso em: 19 maio 2016.

FRIESEN, A.; SANTIAGO, A.; STOLL, G. A. Interpretação cultural da Ceia: um ensaio. **Teologia e espiritualidade**, Curitiba, n. 6, maio 2016. Disponível em: <http://www.fatadc.com.br/site/revista/6_edicao/6%20-%20INTERPRETA%C3%87%C3%83O%20CULTURAL%20DA%20CEIA.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.

GHELMAN, M. Coleção judaísmo. **Tryte**, 1997. Disponível em: <<http://tryte.com.br/colecaojudaismo/livro9/19cap2.htm>>. Acesso em: 26 maio 2017.

GIRAUDO, C. **Num só corpo. Tratado Mistagógico sobre a eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2003.

HINSON, E. G.; SIEPIERSKI, P. **Vozes do cristianismo primitivo**. 2.ed. São Paulo: Arte, 2010.

LIMA, A. Carta de Santo Inácio de Antioquia aos Efésios. **Veritatis Splendor - Memoria e Ortodoxia Cristã**, 2002. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/patristica/obras/1395-carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-efesios>>. Acesso em: 19 maio 2016.

MACKINTOSH, C. H. **Estudos sobre o livro de Êxodo**. 2.ed. Diadema: Associação Religiosa Imprensa da Fé; Depósito de Literatura Cristã, 2001.

NERY, I. J. **Páscoa: teologia, tradição e símbolos**. 10.ed. Aparecida: Santuário, 2005.

NETTO, J. P.; MACHADO, A. A. **Lexicon.Dicionário teológico enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2003.

PESCE, M. **As duas fases da pregação de Paulo: da evangeliação à guia da comunidade**. São Paulo: Loyola, 1996.

PLEIN, I. W. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento**. Tradução de Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2001.

SCHULER, A. **Diconário enciclopédico de teologia**. Canoas: Concórdia/ULBRA, 2002.

SERRANO, V. **A páscoa de Jesus em seu tempo e hoje: apêndice com hagadah de pessach**. São Paulo: Paulinas, 1997.

STRONG, J. **Dicionário bíblico Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

TOKASHIKI, E. B. A Participação Indigna da Ceia do Senhor. **Monergismo**, São Paulo, p. 22, 2005. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/santa_ceia/tokashiki_ceia_indigno.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2017.

WALKER, W. **História da igreja cristã**. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1983. Vol. I e II.